

## Literatura Marginal & resistência em tempos de ditadura militar: Entrevista de Cleber de Oliveira e Patrícia Marcondes de Barros a Nicolas Behr\*

Cleber de Oliveira (UFGD)<sup>1</sup>  
Patrícia Marcondes de Barros (UEL)<sup>2</sup>



Acervo de Nicolas Behr (Disponível em seu site: [www.nicolasbehr.com.br](http://www.nicolasbehr.com.br)).

\* Nicolas Behr, poeta brasileiro nascido em Cuiabá, Mato Grosso, em 1958, é profundamente vinculado à cena artística e cultural de Brasília, para onde se mudou ainda jovem. Ganhou destaque na década de 1970, em plena ditadura militar, com uma poesia marcada pela irreverência, crítica e experimentação, referência na Literatura Marginal. Publicou suas obras de forma independente, em material mimeografado, como o icônico *Iogurte com Farinha* (1977), que satiriza o cotidiano, a política e o ambiente urbano. Behr se tornou um dos principais nomes da geração mimeógrafo, movimento de poetas que produziam e distribuíam suas obras artesanalmente, desafiando tanto a censura quanto o mercado editorial tradicional. Em Brasília, sua poesia se entrelaça com a realidade da cidade e ao modernismo de Oscar Niemeyer, propondo uma crítica ácida à vida alienada da capital. Foi vítima da repressão ditatorial, tendo suas obras censuradas, e em 1978 foi preso sob a acusação de "porte de material pornográfico". Apesar das adversidades, Behr continuou inovando tanto na forma quanto no conteúdo de sua produção, mantendo seu estilo irônico e crítico frente às estruturas de poder e à sociedade.

<sup>1</sup> Professor de literatura brasileira no Programa de Pós-graduação em Letras da FALE (UFGD).

<sup>2</sup> Professora no curso de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

O mote temático do Dossiê em suas duas edições destaca como a linguagem poética, inserida em um contexto histórico e linguístico, pode ser considerada um gesto de resistência e subversão ao sistema instituído. Na primeira edição, trazemos uma entrevista com o poeta cuiabano Nikolaus von Behr, mais conhecido no meio literário como Nicolas Behr. Em 1974, ele se mudou para Brasília, onde lançou seu primeiro livro, *Iogurte com Farinha*. Em 1978, Behr foi preso e processado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) sob a acusação de "porte de material pornográfico", uma alegação infundada que se referia, na verdade, aos seus próprios livros. Após um processo judicial, ele foi absolvido no ano seguinte, em 1979. Nos anos 1980, Behr ingressou no setor de publicidade como redator e se engajou no movimento ecológico, trabalhando na FUNATURA – Fundação Pró-Natureza, onde permaneceu até 1990. Desde então, ele se dedica à produção de espécies nativas do cerrado por meio da Pau-Brasília viveiro eco.loja.

O poeta faz parte da geração literária marginal dos anos 1970, também conhecida como a geração mimeógrafo, poesia jovem, ou pós-tropicalista, entre outros estereótipos designados a uma produção desvinculada do circuito mercadológico e acadêmico. Este grupo de poetas rompeu com os sistemas comercial e ditatorial da época, garantindo assim, a liberdade de expressão que ansiavam. Esta produção poética esteve intimamente atrelada ao movimento de contracultura que emergiu na Europa e nos Estados Unidos no início da década de 1960 e ganhou visibilidade no Brasil na década de 1970.

Nesta entrevista, Nicolas compartilha sua trajetória na poesia, vivida desde os anos 1970 e nos fala sobre os projetos atuais, que incluem palestras, cursos sobre poesia e literatura, e seu envolvimento com as causas ambientais.

**ENTREVISTADORES - Nicolas, como integrante do movimento da poesia marginal durante o período de repressão militar no Brasil, seria enriquecedor explorar os significados estéticos e políticos intrínsecos a essa forma de expressão artística em um momento tão desafiador. Como a poesia marginal se manifestou e resistiu sob as condições de censura e fiscalização política da época?**

**Nicolas Behr** - O movimento da poesia marginal dos anos 70, sob o regime militar, foi uma manifestação underground, contracultural, de difícil controle, porque os livrinhos mimeografados circulavam muito, de mão em mão. Eu particularmente sofri uma repressão muito séria, tendo meus livrinhos todos apreendidos e eu detido (libertado sob fiança) e depois processado por posse de material pornográfico. Na verdade, os policiais do DOPS, a polícia política da ditadura, foram a minha casa (morava com meus pais) a procura do mimeógrafo, pois achavam que lá no apartamento funcionava uma gráfica clandestina. Para imprimir os livrinhos eu usava as máquinas dos cursinhos, pois naqueles tempos a fotocopia estava ainda



pouco desenvolvida e apostilas, provas e panfletos eram mimeografados. Queriam me enquadrar na Lei de Segurança Nacional, como subversivo, mas usaram o Código Penal. Isso aconteceu no dia 15 de agosto de 1978, eu tinha acabado de fazer 20 anos. Fui julgado no ano seguinte e absolvido.

**ENTREVISTADORES - Como você descreveria sua jornada na literatura marginal e como a cidade de Brasília influenciou sua abordagem dentro deste movimento?**

**Nicolas Behr** - Cheguei a Brasília em 1974, vindo de Cuiabá. Sai do mato para cair na maquete. Aqui fui estudar o chamado então Segundo Grau, hoje Ensino Médio. Logo na escola me engajei no movimento estudantil, participando de manifestações de rua e sendo detido pela polícia duas vezes, mas liberado posteriormente. Duas vezes. Acredito pelo fato de Brasília ser o centro do poder, da burocracia, isso tudo contribuiu para que eu me revoltasse ainda mais. Além disso, o traçado de Brasília é autoritário, com tudo pré-determinado e setorizado. Na época eu dizia, e ainda digo: “a linha reta não manda em mim”. Fui um adolescente muito participativo politicamente.

**ENTREVISTADORES - Como a performance contribui para disseminar e popularizar a poesia marginal? De que forma ela consegue atrair audiências mais diversas ou amplas em comparação com a poesia tradicional? Além disso, gostaria de saber sobre sua experiência pessoal com a poesia performática e como você se envolveu nessa forma de expressão.**

**Nicolas Behr** - O corpo e a voz como linguagens. A atitude do poeta como parte do poema. Participávamos muito de saraus e leituras, com uma pequena queda pelo teatral e pelo performático. "Um poeta não se faz com versos", nos ensinou Torquato Neto. Queríamos participar. Escrever, imprimir e sair vendendo o livrinho em bares, portas de cinema, filas de teatros e escolas. A poesia marginal encurtou para zero a distância entre autor e público. Poesia de jovem para jovem. Tiramos o terno e a gravata da poesia. A poesia saiu da torre de marfim e caiu na rua. A poesia tradicional estava fossilizada nas academias de letras (ainda está). Aquela sisudez toda, aquela autoimportância. Reinventamos a capacidade de rir de nós mesmos. Introduzindo o coloquial e o espontâneo, somos a geração *rock and roll* na literatura. Acho que isso tudo contribuiu, sim, para atingir novos públicos e desmistificar a ideia do poeta como um ser iluminado e superior. Gente como a gente.

**ENTREVISTADORES - A relação entre a poesia marginal e a cultura popular é uma via de mão dupla, onde ambas se influenciam e se nutrem mutuamente, refletindo e moldando as experiências e identidades das comunidades urbanas contemporâneas. Como você percebe este movimento na sua poesia dos anos 70 e na chamada poesia marginal**



**periférica desenvolvida posteriormente, nos anos 90? Como essas marginalidades interagem entre si?**

**Nicolas Behr** - Sim, nossas influências não eram só literárias. Eram também do rock, da MPB, dos videoclipes e das novelas. Éramos poetas marginais porque estávamos à margem do sistema editorial, a maioria de nós, garotos de classe média com vida estável. A poesia marginal periférica dos anos 90 já levantou uma questão mais social, pois esses poetas estavam à margem da sociedade em si, sem acesso aos bens e serviços que toda cidade deveria oferecer. Morando em bairros afastados, criaram uma poesia mais visceral e engajada. Outros tempos, outras vontades.

**ENTREVISTADORES - Você tem um trabalho poético atento às causas sociais que se estende ao Viveiro Pau-Brasília, pode nos contar sobre esta experiência e suas principais ações?**

**Nicolas Behr** - Cansado de vender livrinhos na rua (e o público também cansado de mim), fui ser redator de agências de propaganda no início dos anos 1980. Me engajei no movimento ecológico e trabalhei em ONGs de proteção ambiental. Meu *hobby* nesse tempo era cultivar plantas do cerrado. O *hobby* virou negócio e, desde 1992, sobrevivo de um viveiro de plantas aqui em Brasília. Escrevi um livro, *Iniciação à Dendrolatria*, que está disponível para download gratuito na minha página [www.nicolasbehr.com.br](http://www.nicolasbehr.com.br), assim como muitos outros livros. Eu sempre digo que a minha floricultura é o meu fio-terra, porque aqui tenho sempre que resolver questões muito práticas para atender os clientes. E o melhor: estou fora da bolha acadêmica, estou no mundo real, bem real. Do comércio. Sim, é um produto diferenciado – plantas – mas é um produto, além de ser um ser vivo. No viveiro, tenho muito contato com todo tipo de público, e isso é muito enriquecedor. O contato oxigena a minha poesia. Gosto do que faço. Vendo também meus livros aqui. Realizamos muitas ações sociais, produzindo algumas mudas de árvores exclusivamente para doar para asilos, creches, hospitais e algumas escolas públicas. Reúno doações de roupas, brinquedos e material escolar para entregar aos quilombolas Kalunga da região de Cavalcante, na Chapada dos Veadeiros. (Ontem mesmo, todas as roupas que reuni aqui foram enviadas para o Rio Grande do Sul).

**ENTREVISTADORES - Nos fale sobre seus projetos atuais, desde o *stand up* Caça Niki que tem o meio literário como tema, em que faz uma incursão no humor até a produção de seu livro publicado em 2023, intitulado *BRAXÍLIA: NÃO LUGAR*, onde faz uma apresentação distópica da cidade de Brasília. Além disso, gostaríamos de saber sobre suas leituras poéticas atuais.**



**Nicolas Behr** - Fazer um *stand-up* literário era um sonho antigo, e eu o realizei. Foram cinco sessões, uma a cada mês, aqui no meu viveiro. Foi muito bom. Me senti mais à vontade para falar com o público depois disso. O *stand-up* tem como tema o meio literário, mas, devido ao excesso de trabalho, não consegui direcioná-lo profissionalmente. No entanto, foi uma experiência muito boa. O livro "Braxília: Não Lugar" foi uma encomenda da Luna Parque/Fósforo que atendi com prazer. O tema era mapas, e como tenho uma relação muito forte com Brasília, inventei essa cidade distópica, Braxília, que é não-capital, não-poder, não-lugar. Gostei do resultado. Minhas leituras são variadas; leio de tudo que me cai nas mãos, sem nenhum planejamento. Livros de história, biografias, ensaios científicos sobre plantas e fauna, romances e, claro, poesia. Como não me programo, vou lendo o que aparece pela frente. Uma leitura bem eclética, bem variada. Posso ser chamado de leitor voraz.

